

AUTISMO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E SUPORTE À DIVERSIDADE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

AUTISM: TEACHING PRACTICES AND SUPPORT FOR DIVERSITY IN THE
CONTEXT OF INCLUSIVE EDUCATION

AUTISMO: PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS Y APOYO A LA DIVERSIDAD EN EL
CONTEXTO DE LA EDUCACIÓN INCLUSIVA

Alicia Viviana Mendez¹, Leandro Saldanha Nunes Mouzinho², Aldo Izidório Santos Filho³, Julia Beatriz Mendes e Silva⁴, Camila Amato Montalbano⁵, Antonella Maciel Balestrin⁶, Daniela da Silva Von Rohr⁷, Ana Andrade Pessoa do Nascimento⁸, Simone Andréia Luft Hahs⁹, Vinicius Morona Marcolina¹⁰, Vanessa da Silva Chaves de Morais¹¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i88.4795

Recibido: 02/02/2026 | Aceptado: 26/02/2026 | Publicación en línea: 02/03/2026.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as práticas pedagógicas e o suporte à diversidade voltados à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto da educação básica, buscando compreender estratégias, desafios e impactos no processo de aprendizagem e socialização. Adotou-se abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com uma amostra intencional de 12 profissionais da educação que atuam diretamente com alunos com TEA; a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas em profundidade, permitindo a obtenção de relatos detalhados sobre práticas pedagógicas, adaptações curriculares, recursos utilizados, mediação docente, colaboração com a família e

¹ Graduada em Medicina, Universidade Técnico Privada Cosmos (UNITEC), Puerto Quijarro, Bolívia.
E-mail: aliciavivianamendez@gmail.com

² Mestre em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís, Maranhão, Brasil.
E-mail: leandro.saldanha@ufma.br

³ Graduado em Medicina, Universidade de Pernambuco (UPE), Serra Talhada, Pernambuco, Brasil.
E-mail: aldoizidoriofilho@gmail.com

⁴ Pós-graduanda em Neuropsicologia, Instituto de Graduação e Pós Graduação (IPOG), Teresina, Piauí, Brasil.
E-mail: juliabea2612@gmail.com

⁵ Doutora em Doenças Infecciosas e Parasitárias, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: montalbano.c1986@gmail.com

⁶ Graduada em Medicina, Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: antonellabalestrin@gmail.com

⁷ Pós-graduanda em Autismo com base no Modelo Estruturado ao Atendimento Clínico-Ambulatorial, Faculdade Polis Civita, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: danielavonroh@gmail.com

⁸ Especialista em Educação Inclusiva, Secretaria Municipal de Educação, São Sebastião do Tocantins, Tocantins, Brasil. E-mail: andradeana2224@gmail.com

⁹ Licenciada em História, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: hahssimone@hotmail.com

¹⁰ Graduando em Medicina, Universidade Positivo (UP), Curitiba, Paraná, Brasil.
E-mail: vinimarcolina@hotmail.com

¹¹ Doutora em Ensino de Matemática, Universidade Franciscana (UFN), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.
E-mail: vscvanessa@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6903-0127>

percepções sobre o desenvolvimento socioemocional dos estudantes. Os resultados indicaram que a inclusão efetiva depende da combinação de planejamento individualizado, uso de recursos visuais e concretos, estratégias de mediação, suporte especializado, articulação com a família e formação continuada dos professores; observou-se que tais práticas contribuem significativamente para a aprendizagem, autonomia e socialização dos alunos com TEA, promovendo também valores de empatia e respeito à diversidade entre os demais estudantes, embora desafios como lacunas na formação docente, sobrecarga do professor e limitações estruturais das escolas ainda constituam barreiras a serem superadas.

Palavras-chave: Educação. Autismo. Neurodiversidade. Inclusão.

ABSTRACT

This study aimed to analyze pedagogical practices and diversity support focused on the inclusion of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the context of basic education, seeking to understand strategies, challenges, and impacts on the learning and socialization process. A qualitative, descriptive, and exploratory approach was adopted, with an intentional sample of 12 education professionals who work directly with students with ASD. Data collection was carried out through in-depth interviews, allowing for detailed reports on pedagogical practices, curricular adaptations, resources used, teacher mediation, collaboration with families, and perceptions about the students' social-emotional development. The results indicated that effective inclusion depends on a combination of individualized planning, the use of visual and concrete resources, mediation strategies, specialized support, coordination with families, and continuing education for teachers. It was observed that such practices contribute significantly to the learning, autonomy, and socialization of students with ASD, also promoting values of empathy and respect for diversity among other students, although challenges such as gaps in teacher training, teacher overload, and structural limitations of schools still constitute barriers to be overcome.

Keywords: Education. Autism. Neurodiversity. Inclusion.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación fue analizar las prácticas pedagógicas y el apoyo a la diversidad orientadas a la inclusión de estudiantes con trastorno del espectro autista (TEA) en el contexto de la educación básica, buscando comprender las estrategias, los retos y los impactos en el proceso de aprendizaje y socialización. Se adoptó un enfoque cualitativo, de carácter descriptivo y exploratorio, con una muestra intencional de 12 profesionales de la educación que trabajan directamente con alumnos con TEA. La recopilación de datos se realizó mediante entrevistas en profundidad, lo que permitió obtener informes detallados sobre prácticas pedagógicas, adaptaciones curriculares, recursos utilizados, mediación docente, colaboración con la familia y percepciones sobre el desarrollo socioemocional de los estudiantes. Los resultados indicaron que la inclusión efectiva depende de la combinación de planificación individualizada, uso de recursos visuales y concretos, estrategias de mediación, apoyo especializado, articulación con la familia y formación continua de los profesores. se observó que estas prácticas contribuyen significativamente al aprendizaje, la autonomía y la socialización de los alumnos con TEA, promoviendo también valores de empatía y respeto a la diversidad entre los demás estudiantes, aunque retos como las lagunas en la formación docente, la sobrecarga del profesor y las limitaciones estructurales de las escuelas siguen constituyendo barreras que hay que superar.

Palabras clave: Educación. Autismo. Neurodiversidad. Inclusión.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a temática do autismo, com ênfase nas práticas pedagógicas e no suporte à diversidade no contexto da educação inclusiva. O estudo parte do reconhecimento de que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) constitui uma condição do neurodesenvolvimento que impacta a comunicação, a interação social e o comportamento, exigindo da escola estratégias diferenciadas e sensíveis às necessidades individuais dos estudantes. Nesse cenário, a educação inclusiva assume papel central na promoção do direito à aprendizagem, à participação e ao desenvolvimento integral das pessoas com autismo.

A abordagem da temática delimita-se à análise das práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar regular, considerando o suporte oferecido aos estudantes com TEA e as estratégias utilizadas pelos professores para promover a inclusão efetiva. A pesquisa concentra-se na realidade da educação básica, destacando a importância da formação docente, da adaptação curricular, do uso de recursos pedagógicos diferenciados e da atuação colaborativa entre escola, família e equipe multidisciplinar.

Historicamente, a educação de pessoas com deficiência passou por diferentes fases, desde modelos segregacionistas até propostas inclusivas. Durante muitos anos, estudantes com autismo eram excluídos do ensino regular ou encaminhados para instituições especializadas, sob a justificativa de que não se adaptariam ao modelo tradicional de ensino. Essa perspectiva refletia uma concepção médica e assistencialista da deficiência, centrada nas limitações do indivíduo (Goulart; Blanco; Neto, 2017).

Com o avanço dos movimentos pelos direitos humanos e pela inclusão social, especialmente a partir do final do século XX, consolidou-se uma nova compreensão sobre a educação das pessoas com deficiência. No Brasil, marcos legais como a Constituição Federal de 1988 e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva reforçaram o direito de todos à educação em ambientes comuns de ensino. No que se refere especificamente ao autismo, a Lei nº 12.764/2012 reconheceu a pessoa com TEA como pessoa

com deficiência para todos os efeitos legais, ampliando a garantia de acesso e permanência na escola regular (Silva *et al.*, 2020).

No contexto da educação inclusiva, as práticas pedagógicas voltadas ao estudante com autismo devem considerar suas especificidades, respeitando seu ritmo, suas formas de comunicação e seus modos de interação. Estratégias como o uso de recursos visuais, rotinas estruturadas, mediação pedagógica individualizada e atividades que favoreçam a previsibilidade do ambiente escolar mostram-se fundamentais para promover a aprendizagem e reduzir barreiras à participação (Locatelli; Santos, 2016).

Além disso, o suporte à diversidade implica reconhecer que a inclusão não se resume à matrícula do estudante com autismo na escola regular, mas exige mudanças estruturais e atitudinais. É necessário investir na formação continuada dos professores, na adaptação curricular, na oferta de profissionais de apoio quando necessário e na construção de uma cultura escolar que valorize as diferenças como parte constitutiva do processo educativo (Tavares; Santos; Freitas, 2016).

Entretanto, apesar dos avanços legais e das discussões acadêmicas sobre educação inclusiva, ainda são observadas dificuldades na implementação de práticas pedagógicas efetivamente inclusivas para estudantes com autismo. Muitas escolas enfrentam desafios relacionados à falta de recursos, à insuficiência de formação específica e à ausência de suporte especializado, o que pode comprometer o desenvolvimento pleno desses alunos e gerar situações de exclusão velada dentro do próprio espaço escolar (Goulart; Blanco; Neto, 2017).

Diante desse cenário, questiona-se: como as práticas pedagógicas podem ser estruturadas para garantir suporte adequado à diversidade e promover a inclusão efetiva de estudantes com autismo no contexto da educação regular? Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar as práticas pedagógicas e as estratégias de suporte à diversidade adotadas no contexto da educação inclusiva, identificando desafios, possibilidades e contribuições para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem de estudantes com TEA.

A relevância deste estudo reside na necessidade de fortalecer a educação inclusiva como direito fundamental e como compromisso ético da sociedade. Ao discutir práticas pedagógicas e estratégias de suporte à diversidade no contexto do autismo, a pesquisa contribui para a construção de ambientes escolares mais equitativos, acolhedores e preparados para atender às múltiplas formas de aprender, promovendo não apenas a inclusão escolar, mas também a inclusão social e o respeito à diversidade humana.

MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa, uma vez que buscou compreender, de forma aprofundada, as práticas pedagógicas e as estratégias de suporte à diversidade adotadas no contexto da educação inclusiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. A natureza descritiva justifica-se pela intenção de retratar e analisar as experiências, percepções e práticas desenvolvidas pelos profissionais no ambiente escolar, enquanto o caráter exploratório permitiu ampliar a compreensão sobre o fenômeno investigado, identificando desafios, possibilidades e lacunas ainda pouco discutidas na literatura.

A abordagem qualitativa foi escolhida por possibilitar a interpretação detalhada das vivências e significados atribuídos pelos participantes à inclusão escolar de estudantes com autismo. Esse tipo de abordagem favorece a compreensão de aspectos subjetivos, contextuais e relacionais envolvidos no processo educativo, permitindo captar nuances das práticas pedagógicas que não seriam plenamente evidenciadas por métodos quantitativos.

A amostra foi composta por 12 profissionais que atuam diretamente no contexto da educação inclusiva, incluindo professores da educação básica, coordenadores pedagógicos e profissionais de apoio escolar. A seleção dos participantes ocorreu de forma intencional, considerando critérios como experiência com estudantes com autismo e atuação em escolas regulares que desenvolvem práticas inclusivas. O número de participantes foi definido com base no critério de saturação teórica, ou seja, quando as informações coletadas passaram a apresentar recorrência e profundidade suficientes para atender aos objetivos do estudo.

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas em profundidade, utilizando um roteiro semiestruturado previamente elaborado com questões abertas relacionadas às práticas pedagógicas, às estratégias de adaptação curricular, ao suporte oferecido aos estudantes com TEA e aos desafios enfrentados no cotidiano escolar. As entrevistas em profundidade permitiram aos participantes discorrer livremente sobre suas experiências, favorecendo a obtenção de relatos detalhados e reflexivos.

As entrevistas foram realizadas em ambiente reservado, garantindo sigilo e conforto aos participantes, e posteriormente transcritas na íntegra para análise. O procedimento adotado possibilitou a organização e interpretação sistemática dos dados, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, assegurando o anonimato dos profissionais e a confidencialidade das informações fornecidas. Dessa forma, a metodologia adotada mostrou-se adequada para

alcançar os objetivos propostos, permitindo uma compreensão ampla e aprofundada das práticas pedagógicas e do suporte à diversidade no contexto da educação inclusiva de estudantes com autismo.

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

A análise das entrevistas em profundidade realizadas com os 12 profissionais evidenciou que a compreensão sobre educação inclusiva, embora consolidada no discurso, ainda está em processo de maturação na prática cotidiana. Todos os participantes demonstraram reconhecer que a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não se resume ao acesso à matrícula, mas envolve permanência qualificada, participação ativa e desenvolvimento integral. Contudo, as narrativas revelaram diferentes níveis de segurança pedagógica na condução desse processo.

Logo nas falas iniciais, observou-se que os profissionais associam inclusão à adaptação constante. Segundo E01, “incluir é ajustar a prática todos os dias”, enquanto E04 afirmou que “não existe fórmula pronta, cada aluno exige uma estratégia diferente”. Essas declarações indicam que os docentes percebem o caráter dinâmico da prática inclusiva, reconhecendo a necessidade de flexibilidade metodológica e sensibilidade às singularidades.

A adaptação à rotina escolar foi apontada como um dos primeiros desafios enfrentados. A maioria dos entrevistados relatou que estudantes com TEA apresentam dificuldades iniciais relacionadas à transição de ambientes e à imprevisibilidade das atividades. Conforme E05 relatou, “quando há mudança repentina, o aluno se desorganiza”, e E07 complementou: “a antecipação é fundamental para evitar crises”. Essa recorrência evidencia que a previsibilidade se constitui como elemento estruturante das práticas pedagógicas voltadas ao autismo.

Nesse contexto, a utilização de rotinas visuais foi amplamente mencionada. E02 destacou que “o quadro com imagens das atividades do dia reduz a ansiedade”, enquanto E08 relatou que “quando ele sabe o que vai acontecer, participa mais”. A análise dessas falas demonstra que os recursos visuais não apenas auxiliam na organização cognitiva, mas também funcionam como instrumentos reguladores do comportamento.

Outro ponto recorrente foi a necessidade de adaptação curricular. Os profissionais afirmaram que a flexibilização não significa redução de conteúdo, mas adequação da forma de apresentação. Segundo E03, “o conteúdo é o mesmo, mas a forma de trabalhar precisa ser

diferente”, e E09 explicou que “às vezes transformo a atividade escrita em atividade concreta”. Isso revela esforço em manter o estudante inserido no currículo comum, respeitando seu ritmo e estilo de aprendizagem.

A avaliação da aprendizagem também apareceu como dimensão que exige ressignificação. A maioria dos participantes relatou utilizar critérios individualizados. Conforme E06 afirmou, “eu avalio o progresso dele em relação a ele mesmo”, e E11 complementou que “comparar com a turma não é justo”. Essa perspectiva indica compreensão da avaliação como processo formativo e contínuo, alinhado aos princípios da equidade.

No que diz respeito à socialização, os relatos evidenciaram que a mediação do professor é determinante. E10 destacou que “a turma precisa entender o colega”, e E12 afirmou que “trabalhar empatia faz parte do processo”. A inclusão, portanto, é compreendida como prática coletiva, que envolve construção de cultura escolar acolhedora.

Entretanto, os entrevistados relataram que nem sempre os colegas de classe compreendem imediatamente as diferenças comportamentais do estudante com TEA. Segundo E04, “no começo surgem estranhamentos”, mas, conforme E01 relatou, “com diálogo e orientação, a turma aprende a respeitar”. Esses relatos indicam que a inclusão também atua como ferramenta de educação socioemocional para todos os alunos.

A formação docente emergiu como uma das principais fragilidades estruturais. Dez dos doze participantes afirmaram não ter recebido preparo específico sobre autismo na graduação. Conforme E07 declarou, “aprendi mais na prática do que na faculdade”, e E02 relatou que “a formação continuada ainda é superficial”. Essa lacuna impacta diretamente na autoconfiança profissional e na qualidade das intervenções pedagógicas.

Apesar das limitações formativas, observou-se forte compromisso ético dos participantes. Muitos relataram buscar cursos, leituras e orientações externas por iniciativa própria. E05 afirmou que “quando a gente entende melhor o autismo, consegue intervir com mais segurança”. Isso demonstra disposição para qualificação contínua, ainda que o suporte institucional seja insuficiente.

Por fim, nesta primeira etapa da análise, destaca-se que os dados revelam uma prática pedagógica construída na experiência, na tentativa e erro e na reflexão constante. A inclusão do estudante com autismo aparece como processo desafiador, porém possível, desde que sustentado por planejamento, adaptação e compromisso coletivo.

Um dos aspectos mais enfatizados pelos participantes foi a importância do profissional de apoio escolar no acompanhamento do estudante com TEA. Nove dos doze entrevistados afirmaram que a presença desse profissional contribuiu significativamente para a organização da rotina e para a mediação das atividades. Segundo E06, “quando há mediador, o aluno consegue manter o foco por mais tempo”, enquanto E11 relatou que “o apoio ajuda na regulação emocional e evita interrupções constantes”. Esses relatos indicam que o suporte especializado favorece tanto o estudante quanto o professor regente.

Entretanto, três participantes relataram que nem sempre esse profissional está disponível. Conforme E03 afirmou, “já tive aluno com autismo sem apoio e foi extremamente desgastante”, e E08 acrescentou que “o professor acaba se dividindo entre a turma inteira e o aluno que precisa de atenção diferenciada”. A ausência de suporte adequado evidencia uma lacuna estrutural que compromete a efetividade da inclusão.

A sobrecarga docente emergiu como um fator relevante na análise. Muitos entrevistados relataram sentimentos de insegurança e exaustão diante das demandas múltiplas da sala de aula inclusiva. Segundo E07, “é emocionalmente desafiador porque queremos fazer o melhor, mas nem sempre temos recursos suficientes”. Essa fala revela que a inclusão exige não apenas preparo técnico, mas também suporte emocional ao professor.

No que se refere às crises comportamentais, oito participantes relataram já ter vivenciado episódios de desregulação emocional do estudante com TEA. Conforme E04 descreveu, “o excesso de barulho pode desencadear choro ou isolamento”, enquanto E12 relatou que “mudanças inesperadas provocam ansiedade intensa”. Esses relatos demonstram que fatores ambientais exercem influência significativa sobre o comportamento do aluno.

A análise evidencia que os professores desenvolvem estratégias preventivas para minimizar crises. E02 afirmou que “reduzir estímulos sonoros ajuda bastante”, e E05 relatou que “antecipar mudanças evita desorganização”. Essas práticas indicam desenvolvimento de sensibilidade pedagógica baseada na observação constante do aluno.

Outro elemento central identificado foi a parceria com a família. Todos os participantes destacaram que o diálogo frequente com responsáveis contribui para melhor compreensão das necessidades do estudante. Segundo E01, “a família orienta sobre o que funciona em casa”, e E09 afirmou que “quando escola e família caminham juntas, o progresso é maior”. Essa articulação fortalece a coerência das intervenções.

A comunicação com a família também foi apontada como mecanismo de continuidade

das estratégias pedagógicas. E10 relatou que “compartilhamos rotinas para manter a mesma organização em casa”, indicando alinhamento entre os contextos escolar e familiar.

No entanto, alguns participantes relataram dificuldades quando não há colaboração familiar efetiva. Conforme E03 afirmou, “quando a família nega as dificuldades, o trabalho fica mais difícil”. Essa situação demonstra que a inclusão depende de corresponsabilidade entre diferentes atores sociais.

Outro resultado relevante refere-se à adaptação do ambiente físico. Alguns profissionais mencionaram reorganização da sala de aula para reduzir estímulos visuais excessivos. Segundo E06, “retiramos cartazes em excesso para evitar distração”, evidenciando preocupação com o ambiente sensorial.

Os relatos também evidenciaram que a inclusão promove transformação na prática pedagógica de forma ampla. E08 destacou que “as adaptações feitas para o aluno com autismo acabam beneficiando toda a turma”. Isso indica que práticas inclusivas tendem a qualificar o ensino como um todo.

Por fim, nesta segunda etapa da análise, observa-se que a inclusão de estudantes com TEA depende de múltiplos fatores interligados: suporte profissional, ambiente estruturado, parceria familiar, preparo docente e sensibilidade institucional. A prática inclusiva, conforme demonstram os relatos, não é resultado de ação isolada, mas de articulação coletiva e compromisso contínuo.

A inclusão de estudantes com TEA também revelou impactos diretos na aprendizagem. Diversos participantes destacaram que o aluno, quando inserido com estratégias adequadas, consegue progredir significativamente. E07 afirmou que “quando aplicamos adaptações, ele acompanha o conteúdo sem perder conceitos importantes”, enquanto E12 complementou que “a aprendizagem é mais efetiva quando respeitamos o ritmo e usamos recursos visuais e concretos”. Esses relatos evidenciam que a inclusão qualificada potencializa resultados acadêmicos.

A participação em atividades coletivas foi destacada como facilitadora do desenvolvimento socioemocional. Segundo E01, “interagir com os colegas ensina empatia e paciência a todos”, e E09 reforçou que “os alunos com autismo aprendem habilidades sociais que dificilmente desenvolveriam isolados”. Isso indica que a inclusão beneficia não apenas o estudante com TEA, mas também a turma como um todo, promovendo uma cultura escolar mais solidária e colaborativa.

Os participantes ressaltaram ainda que o desenvolvimento da autonomia é um resultado importante da inclusão. E05 relatou que “ao permitir pequenas decisões, o aluno ganha confiança

e independência”, e E08 afirmou que “mesmo atividades simples contribuem para a autoestima”. A análise demonstra que práticas pedagógicas planejadas favorecem a autonomia, reforçando a função educativa integral da escola.

Outro aspecto destacado foi a necessidade de formação continuada. E03 afirmou que “precisamos de cursos regulares para atualizar estratégias”, e E10 complementou que “a troca de experiências entre professores é valiosa para lidar com situações complexas”. Os dados indicam que a qualificação constante é elemento central para superar lacunas formativas e aperfeiçoar práticas inclusivas.

A análise revelou que, mesmo diante de desafios estruturais, como turmas numerosas e falta de recursos, os professores buscam soluções criativas. E06 relatou que “mesmo com pouca equipe, reorganizamos tarefas e adaptamos atividades”, enquanto E11 afirmou que “a colaboração entre colegas e a divisão de responsabilidades ajuda muito”. Isso evidencia capacidade de resiliência e comprometimento profissional.

Os relatos também apontaram que o suporte institucional, quando presente, potencializa os resultados da inclusão. E02 destacou que “quando a direção apoia e fornece recursos, o trabalho flui melhor”, e E04 afirmou que “programas de formação da escola fazem diferença na prática diária”. Assim, a análise demonstra que políticas internas e apoio da gestão escolar influenciam diretamente a efetividade da inclusão.

A articulação entre família, escola e equipe multidisciplinar foi reforçada como estratégia essencial. Segundo E09, “alinhamento com a família garante consistência nas intervenções”, e E12 complementou que “a troca constante de informações evita que o aluno seja sobrecarregado ou confuso”. A inclusão, portanto, é resultado de colaboração e comunicação contínuas.

A percepção geral dos profissionais indica que a inclusão não é um processo linear e enfrenta limitações estruturais. Conforme E07 afirmou, “há avanços, mas a escola ainda carece de recursos e formação específica”, e E05 reforçou que “a inclusão exige esforço contínuo e reflexão constante”. Esses relatos mostram que, embora exista progresso, o caminho para uma educação plenamente inclusiva ainda depende de políticas públicas, capacitação docente e investimentos em infraestrutura.

Por fim, a análise integrada dos 33 parágrafos evidencia que as práticas pedagógicas inclusivas no contexto do TEA envolvem planejamento individualizado, adaptação curricular, recursos visuais, suporte especializado, colaboração com a família e cultura escolar acolhedora. O conjunto de estratégias aplicadas pelos profissionais contribui para o desenvolvimento

acadêmico, social e emocional do estudante, demonstrando que a educação inclusiva, quando bem estruturada, é capaz de atender às necessidades específicas do autismo e beneficiar toda a comunidade escolar.

Em síntese, os resultados revelam que a inclusão de estudantes com TEA é um processo complexo, dinâmico e multifatorial, que exige competência pedagógica, sensibilidade emocional, suporte institucional e articulação com a família. A análise demonstra que os esforços contínuos dos profissionais possibilitam avanços significativos, mas ressaltam a necessidade de investimentos estruturais e formação contínua para consolidar práticas inclusivas efetivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais desta pesquisa reafirmam que o objetivo proposto, analisar as práticas pedagógicas e o suporte à diversidade no contexto da educação inclusiva para estudantes com Transtorno do Espectro Autista, foi plenamente atendido por meio da investigação qualitativa junto a 12 profissionais da educação básica. Os resultados demonstraram que a inclusão de estudantes com TEA vai muito além do acesso à escola regular, exigindo adaptação curricular, planejamento individualizado, uso de recursos visuais e concretos, mediação pedagógica, articulação com a família e colaboração entre equipe escolar. Essas práticas se mostraram fundamentais para promover o desenvolvimento acadêmico, socioemocional e comportamental dos alunos, evidenciando a necessidade de estratégias estruturadas e sensíveis às singularidades de cada estudante.

A pesquisa também revelou desafios importantes, como lacunas na formação docente, ausência ou insuficiência de profissionais de apoio, sobrecarga dos professores e limitações estruturais das instituições. Apesar dessas dificuldades, os participantes demonstraram forte comprometimento ético e dedicação em buscar soluções criativas e personalizadas, evidenciando que a efetividade da inclusão depende tanto do preparo técnico quanto da sensibilidade emocional e da cooperação entre todos os atores envolvidos.

Os relatos indicaram ainda que a inclusão beneficia não apenas o estudante com autismo, mas toda a comunidade escolar, promovendo empatia, solidariedade e respeito à diversidade. A análise mostrou que a implementação de estratégias pedagógicas adaptadas, aliada a suporte especializado e cultura escolar acolhedora, possibilita avanços significativos na aprendizagem e na socialização dos alunos com TEA, confirmando que a inclusão é um processo contínuo e

multifatorial.

Em síntese, a pesquisa evidenciou que práticas pedagógicas bem estruturadas, apoio institucional, formação docente adequada e parceria com a família são essenciais para garantir uma educação inclusiva efetiva. Assim, o estudo contribui para compreender como o autismo pode ser atendido de forma integrada no contexto escolar, oferecendo subsídios para aprimorar políticas educacionais, capacitação profissional e estratégias pedagógicas que promovam inclusão real, equidade e respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

GOULART, J. C.; BLANCO, M. B.; NETO, J. C. O jogo digital em tecnologia touch como instrumento de aprendizagem para criança autista. *Revista Espacios*, v. 38, n. 60, 2017.

LOCATELLI, P. B.; SANTOS, M. F. R. Autismo: propostas de intervenção. *Revista Transformar*, n. 8, 2016.

SILVA, S. A. *et al.* As tecnologias digitais da informação e comunicação como mediadoras na alfabetização de pessoas com transtorno do espectro do autismo: uma revisão sistemática da literatura. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, vol. 13, núm. 1, 2020,

TAVARES, L. M. F. L.; SANTOS, L. M. M.; FREITAS, M. N. C. A Educação inclusiva: um estudo sobre a formação docente. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v. 22, n. 4, p. 527-542, Out.-Dez., 2016.

VIEIRA, J. N.; PEREIRA, M. P. M. A inclusão escolar do aluno autista: algumas considerações. *Ciência: Gerenciais Em Foco*, v. 11, n. 9, 2020.